

DOMINGO — 13 DE SETEMBRO DE 1987

**Terras****Garimpo, duro  
sonho da  
riqueza rápida****PLÍNIO VICENTE**  
Especial para O Estado

Luiz Careca está há 11 anos no território. Vando Acreano, menos tempo, desde 1981. Eles são dois dos quase 12 mil homens que sonham explorar os garimpos de Roraima que, ao lado da pecuária, é a mais antiga atividade econômica da região. Os dois, assim com os demais, esperam ficar ricos da noite para o dia, mesmo que essa aventura lhes possa custar a vida, diante de toda sorte de perigos que são obrigados a enfrentar diariamente mata adentro. Luiz Gonzaga Mendes, o Careca, e Francisco Evanildo Silva de Souza, o Vando, acabaram de chegar do Cambalacho e do Democracia, garimpos localizados na região do rio Couto de Magalhães, há mais de 250 quilômetros de Boa Vista, a Oeste da capital, onde, garantem, um homem pode fazer, sozinho, 200 gramas de ouro por dia, ou até mais.

Marcas no rosto e no resto do corpo foram personagens dos conflitos de 15 de agosto, no Garimpo Cruzado Novo, proximidades do posto indígena do Paapliú, onde vivem os ianomamis, quando pelo menos oito pessoas morreram. Passados quase 30 dias do ataque, os dois, que estão em Boa Vista tentando conseguir autorização para voltar aos garimpos localizados em áreas indígenas, querem saber qual o destino reservado pelas autoridades aos mais de três mil homens que ainda estão espalhados pela região, doentes, sem suas armas de caça e sem alimentação.

**CULPA**

Ambos culpam a Funai e a Igreja por toda essa situação, pois lembram que enquanto os padres doutrinam os índios contra os brancos, a ponto de fazê-los odiar os garimpeiros, o que nunca tinha ocorrido, funcionários da Funai na área estão contrabandeando ouro para fora do território, conforme revelou uma fonte da Polícia Federal, que investiga o envolvimento de pelo menos cinco pessoas. O delegado Rosinaldo Wanderley, que veio presidir um dos inquéritos sobre os conflitos, interceptou, segundo a fonte, dois quilos e meio de ouro que estavam sendo levados por um funcionário da Funai para Manaus.

Diante da situação, os garimpeiros resolveram elaborar uma proposta para dar uma solução final ao problema. Eles entendem que podem ser muito úteis às mineradoras interessadas em explorar o ouro de Roraima, pois, se tiverem um determinado tempo para trabalhar nesses garimpos localizados em áreas interditadas, acabariam convencendo os índios de que, juntos, teriam condições de alcançar uma expressiva produção. Segundo Luiz Careca, "é preciso manter os espaços conquistados depois que as autoridades retirarem os religiosos dessas áreas".

**PROPOSTA**

Os garimpeiros propõem sua retirada das proximidades das malocas indígenas, permitindo o trabalho somente antes do rio Couto de Magalhães, dentro de um limite estabelecido pelas partes. Sugerem também pagar aos índios daquela área um percentual pela extração do ouro. O controle deverá ser feito da seguinte forma:

a — Criação de uma comissão formada por representantes de garimpeiros e índios;

b — Essa comissão manterá no local de embarque funcionários que fiscalizarão cada garimpeiro que estiver saindo, devendo o mesmo pesar seu ouro e, deste, tirar 5% para os índios;

c — Além desse controle, o garimpeiro ainda poderá vir a ser revistado pelo sistema de amostragem, quando de sua chegada ao aeroporto de Boa Vista, a cargo da Receita Federal;

d — O garimpeiro revistado que tiver em seu poder ouro além daquele registrado, quando de sua saída do local de embarque, perderá o direito ao mesmo e terá seu nome relacionado entre aqueles que não mais poderão voltar ao garimpo.

Segundo os garimpeiros, esta proposta tem o mérito de preservar a integridade de ambos os lados, além de assegurar aos índios condições para uma vida digna, o que não ocorre hoje, já que eles vivem em estado de penúria e miséria. Para Luiz Careca e Vando Acreano, a proposta não vai alterar o estado em que se encontram algumas parcelas dos ianomamis, pois eles serão mantidos livres, e sem precisar dos favores e migalhas que recebem dos brancos. De acordo com os dois garimpeiros, nos bairros periféricos de Boa Vista mais de 12 mil pessoas dependem diretamente dos garimpeiros, e mais de 25 mil se beneficiam indiretamente por eles.

Eles dizem que pedem apenas o direito de trabalhar e produzir o suficiente para o seu sustento e o de suas famílias. Para eles, garimpar, embora seja uma atividade dura, "é uma profissão honesta, talvez a mais honesta que se conheça, pois garimpeiro ladrão não vive muito tempo". Por isso, criticam o imobilismo de autoridades que ainda não tomaram nenhuma medida para resolver o problema da mineração em área indígena.